



FOLHA *da* JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90 - r/c D.º — LISBOA

Com aprovação Eclesiástica

Preço 2\$50

COR UNUM

Sob o signo da amizade e da colaboração se faz este ano a Campanha de Férias da A.C.P..

Estaremos activamente presentes, já porque não queremos ser nessa grande família os parentes que o orgulho ou a timidez mantém afastados, já porque de um modo tão directo se apela para o nosso interesse e o nosso trabalho. Não temos o direito de nos negar a uma campanha que é essencialmente de amizade e colaboração.

Não vamos contentar-nos com seguir passivamente o que outros fizerem; muito menos seremos os velhos do Restelo ou, pior ainda, as expeditas sabotadoras da Campanha. Tomaremos nela parte activa. Muito ou pouco, com possibilidades de êxito ou prenúncios de denota, faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance.

Se passamos as férias em local já nosso conhecido de anos passados, facilmente encontraremos os outros responsáveis da campanha e estabeleceremos contacto com eles. Se vamos pela primeira vez, recorramos ao Reverendo Pároco da localidade em vez de ficarmos molemente à espera de um encontro casual que poderia muito bem dar-se sòmente na véspera de nos retirarmos...

Damos a seguir os pontos essenciais do programa aprovado:

- I — PREPARAÇÃO**
- Missa semanal colectiva.
 - Encontro semanal de militantes e quinzenal de todos.
- II — ACTIVIDADES**
- Campanha de boas leituras. Venda de livros.
 - Bibliotecas volantes.
 - Campanha junto das crianças e adolescentes.

III — REUNIÕES

- a) Valorisação das Férias.
- b) Responsabilidades Sociais em Férias.
- c) A vida de Família em Férias.
- d) A Família ao serviço da Comunidade Social.

A partir deste programa sumariamente apresentado poderemos desde já fazer os nossos projectos pensando numa intensa participação na CAMPANHA DE FÉRIAS.



Na J. U. C F, não há férias

Nas férias, as actividades jucistas não param; simplesmente vestem, elas também, « fatos novos ».

I — Assim, o contacto entre os membros de cada equipa deve ser mantido, pelo menos, através das cartas rolantes que já o ano passado se escreveram. No entanto, pelo menos algumas cartas que chegaram ao nosso conhecimento, eram « mornas » de todo. Em muitas, cada uma dirigia-se só à seguinte, quando é muito mais « Cor Unum » cada uma escrever para toda a equipa. Mas isso não era o pior; o que confrange era a pobreza, e o *impessoal* dos assuntos: « Vou à praia, o tempo está bonito, tem havido ondas muito grandes, tenho-me divertido... »

E a carta tanto podia vir assinada por Maria, como por Francisca, ou Teresa. Tanto podia ser da equipa A, como da B ou C. Podia mesmo não ser de jucistas nem sequer de universitárias, mas simplesmente de raparigas amigas, sem mais...

Ora as cartas rolantes são, *devem ser*, muito mais do que isso: um reflexo do espírito de união da equipa, uma prova de que durante as férias continua bem viva a nossa preocupação de apostolado e de que continuamos a contar umas com as outras. Assim, a carta será um verdadeiro relatório da vida jucista: propósitos, realizações, fracassos e êxitos, dificuldades encontradas, tentativas, experiências, alertas, chamadas de consciência, etc. Cada uma deve ter a preocupação de *se dar* às outras,

de elevar o nível da carta, elevando o nível da sua própria vida.

II — Encontra também nesta Folha dez «esquemas para reuniões ou meditações».

Se, pelo menos duas jucistas estão a passar o verão perto, devem fazer, com base nesses esquemas uma reunião semanal. No entanto, as nossas férias não devem ficar sobrecarregadas de reuniões — e temos as da Campanhada de Férias da A. C. P., a que *não podemos faltar*; assim, estas reuniões jucistas podem e devem ser feitas, se possível, no local onde, natural e casualmente as jucistas costumam encontrar-se: de manhã, no adro da igreja, na praia; à tarde, no pinhal, num quintal, à sombra duma latada — basta escolher um cantinho sossegado e dispor de uma meia hora. Se as jucistas raramente se vêem, então combinem ir passear juntas, a sítios de interesse, e no decorrer do passeio, façam a reunião. E que nunca haja, entre jucistas, entre membros da Acção Católica aquela timidez ou alheamento que nos leva a não procurar as outras porque «não as conheço», «são doutra faculdade», «são doutra diocese», «elas que venham procurar-me, se quiserem...». Esta será uma atitude absolutamente ridícula e infantil, nada «Cor Unum»... nem, sequer universitária.

A intenção da oração jucista é também a mesma pela qual cada jucista dever oferecer um dia da semana (Missa, Comunhão e todas as suas obras) — óptimo se puderem ir juntas, à Missa — e lembrar-se de rezar, n'os outros dias.

A meditação deve ser preparada e vivida.

Com as «Sugestões para o exame e preparação de actividades» queremos dizer, apenas, isso; há muitos outros aspectos, em cada semana, que interessaria focar; o que vai, são simples «despertadores» e pontos de partida. Em cada semana, interessa também, reler, «repensar», as sugestões das semanas que ficaram para trás. Além disso, vão, indistintamente, sugestões do que é para ser tratado na reunião, e do que é para ser revisto, exclusivamente, entre cada uma e Deus. Confiamos no bom senso jucista para que as reuniões possam render 100%, sem devassar o mais profundo das consciências.

Como Propósito, devemos tomar o de melhorar, durante a semana, o que estiver mais fraco; podemos tomar um propósito colectivo e outro individual.

As jucistas que estão isoladas devem aproveitar os esquemas para meditação dum dos dias da semana, de preferência o que tiverem escolhido para oferecer pela intenção da J. U. C. F. nessa semana.

III — Depois sejamos prudentes, pensemos no ano que vem. Que bom, se o programa da J. U. C. F. não nos aparecer de im-

provisão e formos para as Reuniões Gerais e de Equipa discutir os problemas da mulher na Universidade depois de neles termos pensado durante as férias! Para nos orientar, neste sentido, temos os livros « Da Mulher », indicados na Bibliografia e o plano detalhado do tema de estudo do encontro de Héverlé (ver « Noticiário »).

IV — E o ano que vem é também o ano do nosso Congresso! A ele, não vamos assistir dum modo passivo, ouvindo burguês e comodamente, o que se disser durante os quatro dias de sessões plenárias e secções. Não é, não pode ser *isso*, o nosso Congresso. Cada jucista tem de participar activamente, porque tem nele marcado o seu lugar, que não é preenchido por mais ninguém. Agora, nas férias, preparemo-nos abrindo mais os olhos para os problemas universitários. Peguemos nos dois « Boletins de Informação » já publicados, arranijemos um livro bom (ver a Bibliografia, no Boletim n.º 2), e saibamos assimilar o que lemos, exercendo o nosso senso critico. Tornemo-nos conscientes do que pretendemos com o nosso Congresso, façamos nosso o pensamento católico sobre a Universidade.

Assim, seremos capazes de escrever e apresentar uma comunicação, de participar nas discussões das secções, ou, pelo menos, de encontrar em nós resposta àquilo que se disser, de confrontar o que pensamos com a doutrina certa, de aferir o nosso rumo.

E que cada jucista, reconheça *como dever*, o de rezar, todos os dias, pelo nosso Congresso.



PÁRA E LÊ

Jucista em férias: encontra, através de toda esta Folha, ideias e sugestões que *se tu quiseres*, te podem ajudar a viver umas belas férias.

Se, quando a Folha te chegar às mãos, porém, tu a leres rapidamente e por alto, como qualquer romance barato, ou lhe lançares uma simples vista de olhos, e a arrumares ao canto da gaveta, ou a deixares esquecida, nem tu sabes onde, e não pensares mais nela até Outubro, então não valia a pena tê-la feito... e tu estás a falhar...

Ao contrário, se, quando a receberes, fizeres uma leitura inteligente e meditada (os esquemas, basta trabalhá-los na altura própria), anotando o que pensas que mais te vai servir (nós todas já conhecemos os nossos pontos fracos...) e voltando a ela, uma e muitas vezes, nas horas de triunfo ou de derrota, então estás a corresponder do que se espera de ti.

Medita e adapta.

No artigo "Férias Universitárias", por exemplo, encontras, a par de muitas coisas que te podem servir, algumas que serão inúteis para ti, actualmente, mas utilísimas para outras.

Lê, e anota.

Aprofunda.

Reflecte seriamente.

Faz teu o que se diz.

E... BOAS FÉRIAS

As que passam o verão na cidade

Se não podemos sair da cidade, durante o verão, temos a tentação de pensar desconsoladamente que não temos férias, que tudo quanto se diz aqui não é comedido, que não repousamos, que vamos chegar a Outubro tão cansadas como em Julho. É preciso reagir contra este estado de espirito; as nossas férias existirão e serão aquilo que nós as fizermos.

Para começar, tenhamos um cuidado especial em respeitar as horas das refeições e do repouso que tanto desprezamos durante o ano. Não esqueçamos as, pelo menos, oito, horas de sono. Se continuarmos a sentir-nos muito cansadas, consultemos o médico. Agora, não há desculpa possível — temos tempo para nos tratarmos.

Saibamos escolher alguns dias para passar na praia ou no campo.

Evitemos as saídas continuas na cidade, para recados ou compras; evitemos aquelas ruas por onde passamos durante todo o ano.

Se nos apetece sair, passear, aproveitemos para conhecer a nossa cidade desconhecida: jardins, museus, pontos de vista, bairros novos, pitorescos arrabaldes...

Mas, não os vamos visitar cansadamente, com a ideia de que estamos apenas na nossa terra. Imaginemos que somos turistas, vejamos as coisas com o interesse de quem tem só *aquela* bocado de tempo para as admirar, porque, em novas viagens, irá, provavelmente, conhecer novas terras...

Saibamos ver as coisas com olhos novos. Arranjemos um bom roteiro, da nossa cidade, e partamos à descoberta!

Chegaremos ao fim das férias, repousadas, enriquecidas e tendo sabido tirar partido duma situação que se nos afigurava desanimadora. E o que se segue — Férias Universitárias — também é para nós!



FÉRIAS UNIVERSITÁRIAS

Não vamos falar de cursos ou campos de férias, como o título pode sugerir. Por *férias universitárias* apenas queremos significar as férias maiores ou menores — aíl o pesadelo dos exames em Outubro! — de que cada uma de nós poderá dispor. Falamos dos quase quatro meses ou dos breves quinze dias, em que contamos fazer coisas diferentes, desde o rasgar papéis e arrumar gavetas até aos banhos de mar e ao livro em que pensamos há meses. Falamos dessa época desejada e intencionalmente juntamos o adjectivo de *universitária*. Sim! Importa que, feito o último exame e saído a última nota, não ponhamos de lado, juntamente com os livros e os cadernos, a nossa qualidade de universitárias. Importa que estas férias, que, com tanta ansiedade desejámos, não sejam para nós uma paragem estéril, um corte abrupto na nossa vida, de modo a fazer-nos sentir, no começo do próximo ano, que estamos a voltar para trás, que o tempo passou depressa e não há outro remédio senão regressar à dureza do estudo e dos exames.

Só uma má orientação das férias explica que elas nos deixem no fim um sabor tão amargo. Se desde o princípio pensarmos que elas não são necessariamente uma paragem, mas uma *étape*, se vivermos conscientemente nesse sentido, chegaremos ao fim e o olhar para trás, em vez de saudista, será de um *são* optimismo, feito da certeza de que realmente avançamos. O encontro com os mestres e os livros não nos parecerá de mau agoiro; havemos de saboreá-lo com interesse e sentir-lhe o gosto dos primeiros frutos da estação. Não há coisas velhas quando o espírito é novo.

Vamos, portanto, pensar em como *aproveitar plenamente* as férias. O que foi para muitas de nós o ano que passou?

As aulas e os estudos, os exames, a JUCF, a Associação e outros mil e uma ocupações que apareceram sempre, absorveram-nos completamente. Como não somos imensas não podemos chegar a tudo nem para tudo, tivemos de pôr alguma coisa de lado; provavelmente sacrificámos a família, a vida caseira e aquelas distrações que, de vez em quando, são também necessárias.

Não sucede encontrarmos casualmente na rua uma tia, uma prima, uma pessoa amiga que não vemos há muito e nos pergunta quando é que aparecemos? Começamos a percorrer os dias da semana, mas as aulas acabam tarde; depois, temos já uma reunião marcada; no dia seguinte, há uma conferência na Associação, e assim pela semana fora; à noite, precisamos de estudar.

E temos, então, de responder no vago: «Qualquer dia, quando tiver um bocado livre...» Qualquer dia, está claro. Pode ser amanhã ou depois; mas também poder ser daí a três semanas ou três meses.

Em casa, a família vê-nos às horas das refeições (já não falamos das vezes que chegamos atrasadas...) e pouco mais. Ou andamos por fora, ou estamos metidas no quarto a estudar. Combina-se um passeio, uma ida ao cinema, uma visita; nós nunca podemos, já temos outras coisas combinadas, não temos tempo.

Quando se aproxima a época dos exames, então ainda fazemos mais «cortes»; deixamos tudo e só pensamos na preparação das provas.

A vida espiritual também se ressent. Julgamos que o habitual tempo reservado à Missa nos vai fazer falta, não vamos à Igreja; ficamos sem comungar. Mesmo que não suprimamos a meditação, estamos tão fartas de ler, temos a cabeça tão cheia que somos incapazes de pensar, dois minutos

que seja. Rezamos mal, porque andamos cansadas e nem sequer nos lembramos, às vezes, de converter o nosso estudo numa oração vivida.

Dormimos pouco, não nos apetece comer, andamos nervosas, tudo tem o condão de nos irritar e, quando acabamos o último exame, sentimo-nos completamente exaustas.

Chegam então as férias.

E o desejado **REPOUSO**.

Mas, cuidado! Repousar não é passar o tempo sem fazer nada, numa inutilidade completa. Repouso não é sinónimo de ociosidade. Esta também cansa, talvez até mais do que o trabalho.

Nada mais deprimente, e portanto mais contrário ao descanso, do que a sensação de vazio. Se à noite, ao fazermos o exame de consciência, só nos lembramos de que nos maçámos horrivelmente, ao fim de alguns dias acabamos por sentir um «alçapão» na nossa vida e podemos estar certas de que as férias estão a falhar.

Repouso não é também sinónimo de divertimento contínuo. Se, durante o ano tivemos pouca ocasião para «folganças», decidimos agora tirar a desforra. E entramos numa roda vida de festas, passeios, etc. De manhã, vamos para a praia; à tarde, jogamos a canasta ou qualquer coisa equivalente; à noite, temos o casino. Rimos muito, falamos muito, pensamos pouco, dizemos muitas asneiras, esforçamo-nos por empregar uma linguagem «o mais possível bem» (o que se consegue melhor ou pior conforme o maior ou menor número de palavras em calão); mudamos de vestido quatro ou cinco vezes por dia e, quando de madrugada nos deitamos, ainda nos sentimos mais cansadas do que no fim dum dia de aulas, ou até de exames. E se fizermos exame de consciência — mas não o fazemos porque estamos estafadas — apesar de não termos parado cinco minutos, havíamos de experimentar também a sensação do vazio. Porque, afinal, de tanta agitação, de tanto movimento, de tanta palmaria, o que é que ficou? Ai os «alçapões» que vamos deixando para traz de nós, como os justificaremos um dia perante Deus?

Vimos já o que não é repouso. Vamos entrar na parte positiva da questão.

Para que servem as férias? Há um passo de Lebrez, que talvez nos ajude a encontrar a resposta: «O equilíbrio» é a maior riqueza do homem, a salvaguarda do seu valor, o seu ornamento mais precioso, a sua recompensa. Não se trata de modo algum dum bom conjunto de qualidades medíocres; trata-se dum «crescimento harmonioso...» (L. - J. Lebrez — «Action, marche vers Dieu», pag. 67).

No decorrer do ano, tivemos, muitas ocasiões de perder o equilíbrio. Naquilo que pusemos completamente de parte ou, pelo menos, reduzimos, havia muito que era indispensável para aquele se realizar. O desenvolvimento excessivo duma parte, trouxe consigo o atrofiamento do restante.

A vida humana está longe de ser uniforme; pelo contrário, reveste múltiplos aspectos que se completam, embora às vezes pareçam antagónicos e se excluírem mutuamente; o grande segredo está em saber conciliá-los e unificá-los.

Assim, durante o ano, somos obrigadas a agir, mas isto não deve excluir a contemplação; se precisamos de nos dispersar em actividades exteriores, em cuidados e atenções para com os outros, há também uma interiorização que é indispensável. Nesta dialéctica, que se estabelece em nós, o pêndulo oscilou várias vezes; mas raras foram aquelas em que se manteve vertical. Precisamos de pôr ordem nessa desarrumação, arranjar um lugar para cada coisa, pôr a funcionar o que estava paralizado, mas sem

parar o que já estava em movimento; embora se for necessário, lhe retardemos um pouco o ritmo.

Temos, portanto, de arranjar um programa no principio das férias e tomar a resolução de o cumprir. Disponhamos ás coisas com tempo, com ordem; para correrias, atropelamentos, o periodo das aulas chegou.

A vontade fortalece-se, não a fazer muitas coisas, mas a fazer aquilo que anteriormente determinamos. As férias até se podem tornar num esplêndido estágio para a aquisição duma disciplina, dum método, cuja falta tanto se faz sentir durante o ano e a qual também é, em parte, causa da nossa perda de equilibrio.

I — Um programa para cumprir, mas leve. Um programa, onde não caiba a pressa, para nele abundar a meditação. Tempos livres, em que a contemplação da natureza esteja unida a uma profunda vida interior. Aqui, também, cuidado com as confusões. Meditar é pensar. E calar-se para ouvir interiormente. Deixar cavalgar a imaginação sem lhe pôr freio é perder tempo. A meditação supõe um alijamento de cargas inúteis, para que haja um enriquecimento. O sonho é o dominio dos fantasmas e dele só perdura, muitas vezes, o vazio, o tédio.

II — Reservemos no nosso programa um grande lugar á vida de piedade. Sob o pretexto de que temos de descansar, não nos vamos afastar de Deus. Vamos, antes, aproveitar termos mais tempo livre, para nos aproximarmos, cada vez mais. Agora, não temos a desculpa da « falta de tempo » para suprimir, o terço, a meditação...

Repouso de espirito não se pode confundir com inércia, deixar correr. Livres de preocupações e de pressas, é este o tempo ideal para avançar no combate contra nós mesmas.

Não esqueçamos também que somos *juclistas* (ver « Na J. U. C. F., não há férias! »).

III — Não podemos suspender a parte intelectual. Temos os livros! Um dos grandes encantos de férias! E com razão. Mas esbiamos ler. Sejamos exigentes na escolha. Procuremos os livros que completem a nossa visão demasiado especializada da vida. Se todo o ano estudámos literatura, não será um começo de deformação profissional continuarmos a ler romances? E se o estudo nos pôs diante dos olhos números e simbolos, como não procurar, na história e na literatura, pedaços de vida? Quantas de nós entrarão no ensino ou terão que educar os próprios filhos? E nós sabemos que a Universidade não nos dá preparação psicológica e pedagógica para isso. E a nossa cultura religiosa? Há tantos livros bons... (Ver « Bibliografia »).

Saibamos sair da nossa especialidade, alargar a nossa visão do mundo e das pessoas. Mas pensemos que também aqui não conta o número de livros lidos. Tudo depende da qualidade dos livros e do modo de ler.

Ler e meditar. Conversar sobre o que se leu e meditou.

IV — A família, que tão sacrificada foi, merece agora ser compensada. Estivemos afastadas dela, ou porque tivemos de a deixar, por não haver Universidade na terra em que vive, ou pelas condições de vida.

Agora, vamos deixar de ser a « menina ocupada », sempre com afazeres, com quem não se pode contar. Vamos ter tempo para conversar com o pai, sair com a mãe, brincar com os irmãos miúdos, dar-lhes atenção, ajudá-los a construir uma ponte, ou a fazer vestidos para a boneca. E, a propósito: quantas vezes, no ano, nos servimos de uma agulha? Na caneta, pegámos constantemente; mas, na agulha...

A nossa « cultura caseira » não estará bastante numa situação de inferioridade, relativamente á nossa bagagem intelectual, se bem que esta também costuma deixar um pouco a desejar? Porque não aproveitar as férias para ir, de vez em quando, até á cozinha? E, depois de termos pas-

sado tantas horas seguidas sentadas a uma secretária, uma boa maneira de descansar não será fazer um pouco de exercício, andando pela casa a dar aquelas voltas indispensáveis que a nossa mãe costuma fazer?

V — Cuidado com o sono. Dormir o suficiente é um factor essencial para o bom rendimento das férias. Durante o ano, especialmente perto dos exames, deitávamo-nos tarde, levantávamo-nos cedo. Quando o sono era muito forte, bebíamos café e lá aguentávamos mais umas horas. Foi essa, uma das razões de chegarmos ao fim tão esgotadas. O Padre Lebrez não hesita em incluir no número dos pecados do cristão, alistado na acção, a falta de sono:

« Não dormir bastante » (L. J. Lebrez — « Action, marches vers Dieu », pg. 105).

As « noitadas » são capazes de destruir todo o equilíbrio.

VI — Restauremos as nossas forças ao ar livre. Na praia, passeios, piqueniques, saibamos ser as mais alegres, as mais animadas, sem nos esquecermos de que somos um Testemunho de Cristo.

É preciso que os outros vejam, na nossa alegria, não leviandade e estouvamento, mas um reflexo da Paz do Senhor.

VII — Não vivamos egoisticamente as nossas férias, só com a preocupação máxima do nosso enriquecimento pessoal. Colaboremos activamente na campanha da pré J. E. C. F. (ver « Pelas nossas irmãs mais novas »).

Integremo-nos na Campanha de Férias da A. C. P. (ver « Cor Unum ») e empenhemo-nos por ajustar cada dia das nossas férias, às linhas de interesse traçadas pelo tema de cada reunião. Assim não regatearemos a nossa atenção a todos quantos se encontram á nossa volta.

Coragem. Só depende de nós o terminarmos estas férias mais fortes e alegres. Não percamos de vista a ideia de equilibrio e de harmonia do conjunto. Se, durante as férias, tivermos restabelecido o equilibrio, havemos de o saber conservar em nós. Porque, se tivermos confiança, Deus há-de ajudar-nos e chegaremos ao fim mais conscientes da nossa vocação de raparigas universitárias católicas. Mais usadas á vida, portanto menos susceptíveis de nos deixarmos vencer por uma visão incompleta ou deformada do mundo, pela cultura livresca, pelo desenraizamento da vida, a que tanto nos convidam a organização e funcionamento da Universidade actual.

3.º MANDAMENTO

Agora, já em plenas férias, virá a propósito falar-se em descanso dominical e em dias santificados?

Que bendita série de Domingos, pegados uns nos outros, representam as férias grandes — dois, três meses deliciosamente estirados — para a universitária, que suspirou durante o ano inteiro pela 25.ª ou 26.ª hora de um dia que tinha tão poucas!

Para todas? Para todas, não; que a universitária católica, a

jucista, não pode assim misturar valores, e há que saber distinguir entre aqueles que são divinos e os simplesmente humanos.

Jucista em férias, não desfolhes o calendário indistintamente. Tens, em cada semana, um dia que é diferente dos restantes: o Domingo. Sim, é claro, todos nós sabemos que, raparigas católicas como somos, jucistas, militantes da J. U. C. F., e dirigentes até, ninguém iria supor-nos capazes de faltar à Missa em Domingo ou dia de preceito. Mas, sinceramente, com a mão na consciência: a nossa santificação desses dias irá muito além da assistência à Missa? Receio bastante que não.

« Guardar Domingos e Festas », aprendemos de cór em tempos no catecismo, e de cór ficou em nós o 3.º Mandamento. Pouco mais do que de cór.

É a triste verdade para muitos católicos; é o escândalo de muitos que têm os olhos postos em nós: o Domingo e o dia santificado quase não fazem diferença de feriados civis.

Onde está a alegria íntima dos dias do Senhor?

Se se foi buscá-la, de manhã, ao pé do altar, porque perdeu a irradiação pelo dia fora?

Há quem ache « possidónio », gostar do Domingo...

Uma coisa assim para criadas de servir, ansiosas pelo « dia da saída », ...

Pensar deste modo, é amesquinhar a santidade do dia, roubar-lhe a beleza profunda, a luminosidade que, através de nós, deve brilhar para os outros.

O Domingo é um dia de luz, e não foi por acaso que certas línguas lhe chamam o dia do Sol: Sunday, Sontag.

Vestígio pagão, decerto; mas, na presciência divina, essa designação não surgiria já para se aplicar depois a Cristo, Sol da Graça? Para nós, latinos, Domingo quer dizer exactamente Dia do Senhor, e é como tal que o devemos amar.

Dia em que a semana começa e em que se faz provisão de energias sobrenaturais e humanas para o trabalho dos seis dias seguintes. Por vezes, a carga pesa demasiado sobre os ombros do homem mortal, e então a Igreja, que é mãe, oferece-lhe um Domingo suplementar, um dia que, para o cristão, será de renovação e descanso: o dia santo de guarda.

« Santificado seja o Vosso Nome » rezamos no Pai-Nosso...

Santificado seja o Nome de Deus, na santificação dos dias que lhe são especialmente oferecidos. Mas ficarão santificadas esses dias, apenas, pelo facto de ouvir (ouvir sem participar nela) uma rápida Missa tardia, em que mais se pensa no calor entre a multidão apinhada, de pé, na igreja, que no Sacrifício da Cruz ali renovado por amor de todos nós?

Cumprido a correr o preceito, « arrumada » aquela obrigação



semanal, sobejam horas inteiras para gastar no cinema ou no casino, na ociosidade, quando muito... Têm de ser diferentes, o Domingo e o dia santo, para nós, jucistas.

Preparando com uma semana de antecedência o mistério divino do dia do Senhor, pela meditação inteligente da Epistola ou do Evangelho, em cada dia, anteciparemos a luz dominical, e chegado o Domingo, com a participação activa na Santa Missa, Comunhão fervorosa, e pela tarde, sempre que tal seja possível, o terço rezado em comum na igreja paroquial, a santificação do Domingo ou do dia santo, tornar-se-à uma realidade consciente. E não esqueçamos, também, certos pequenos nada's, de caracter material muito embora, mas que ajudarão a salientar o «dia da luz» de entre a monotonia desbotada dos dias iguais: ajudar a enfeitar a casa: flores frescas nas jarras, naperons lavados, a mesa posta com mais gosto, um doce novo para o jantar...

Lembra-te de que são dias de festa divina, esses, e que dar-lhes, por esse motivo, uma distinção, é ainda louvar a Deus.

No entanto, não basta santificá-los. O Mandamento ordena que se guardem. Talvez os guardemos. Talvez. Decerto os guardamos. Nós. Cada uma de nós. Individualmente. Ai, o nosso feizo individualismo! Individualismo, em católicos, que paradoxal

Guardar o dia santificado, será evitar escrupulosamente fazer qualquer trabalho servil, e ao mesmo tempo exigir da costureira a entrega de um vestido que a obrigarà forçosamente a trabalhar durante todo o Domingo ou dia santo.

Guardar o dia santificado, será cumprir devotamente o preceito da Missa, e convidar nesse dia para almoçar um grupo animado de parentes, e porque na praia ou na aldeia onde se passam as férias, há tantas vezes só uma missa, tranquilamente deixar a criada impossibilitada de cumprir o mesmo preceito?

Jucista, revê perante Deus o que representa para ti e para o teu meio, a santificação e guarda dos dias do Senhor, e depois...

Depois, lembra-te de que não és, apenas, universitária católica durante o ano lectivo.

PELAS NOSSAS IRMÃS MAIS NOVAS

A Direcção Geral da J. E. C. F. editou um roteiro «Actividades para as Férias», para orientação das férias das pequenitas dos 8 aos 12 anos. Este trabalho está entregue, duma maneira especial, às jucistas e jicistas; mas pedem, também, a colaboração dos outros organismos... a *nossa*.

Se no sitio onde estás há, pelo menos, duas ou três peque-

nitas, e tu queres ter a generosidade de dispor de umas horas por semana para lhas dedicar, e as ajudar a viver mais cristãmente as férias, escreve para

Elizabeth Lobo da Silva

Rua Carvalho Araujo, 13, 4.º - Esq.

LISBOA

pedindo o Roteiro e os caderninhos para as pequenitas, um para cada uma. Deves fazer o pedido, o mais cedo possível, podendo ser, até 20 de Agosto.

É uma campanha a que devemos dar o melhor do nosso esforço, ajudando a formar as nossas irmãs mais novas, a preparar... futuras jucistas, possivelmente.

Se no local onde estás, porém, vires já um cartaz indicativo da Campanha, ou na Igreja Paroquial, ou em qualquer outro local central da terra, nem por isso deves ficar inactiva... e descansar. Deves ir procurar imediatamente a Responsável pela campanha, oferecer os teus préstimos, e colaborar efectivamente.

PAX ROMANA

Uma carta de Monsenhor Guano

Quando esta folha estava já a ser impressa, foi recebida pela J. U. C. F., a carta de monsenhor Guano, assistente da PAX ROMANA, que a seguir reproduzimos por acharmos de interesse dá-la a conhecer de todas.

Rome, le 22 Juillet 1952

Carissimi,

Cette lettre vient vous rejoindre dans le comble de l'été, quand beaucoup de monde est en repos et quand, justement en raison du repos des choses habituelles de l'année, une quantité d'initiatives et de rencontres différentes sont promues de la part des groupes qui travaillent au service de l'Eglise.

Or, je ne sais pas quel est votre cas personnel: c'est-à-dire si, quand vous recevrez cette lettre, vous serez en vacances et en repos ou bien occupés dans tel ou tel congrès ou réunion nationale ou internationale, ou si vous serez encore, malgré la chaleur, peut-être malgré la fatigue, à votre travail comme d'habitude dans l'année.



J'aimerais vous rappeler que, en tout cas, vous êtes au service de l'Eglise et de vos frères, par là au service de Dieu.

N'oubliez pas que l'Eglise compte toujours sur vous, même dans la période des vacances, même quand vous êtes, très légitimement, en repos.

Elle compte, peut-être, sur votre préparation et sur votre participation consciente et active à telle ou telle rencontre des groupes auxquels vous appartenez.

Mais elle compte, surtout et toujours de la part de chacun de vous, sur votre vie d'oraison. Sur votre prière pour ses initiatives, même pour celles qui ne vous intéressent pas directement. Sur votre vie d'oraison, en général: au fur et à mesure que vous entrez en contact avec Dieu par la prière, vous ferez votre contribution à ce que l'Eglise respire mieux de cette respiration surnaturelle, par laquelle le souffle de Dieu l'envahit.

Elle compte sur votre mortification: la mortification des sens et celle de l'esprit, la mortification choisie et celle acceptée, la patience. La mortification par laquelle vous devenez plus libres et plus purs, plus capables, en conséquence, de servir; par laquelle vous vous insérez davantage dans la souffrance rédemptrice et sanctifiante du Christ qui se continue dans ses membres.

Elle compte aussi sur votre repos, qui, accepté de la main de Dieu, renouvelle votre sérénité et vos énergies et vous mette en condition d'être toujours plus prêts à servir la majesté et l'amour de Dieu dans son Eglise.

C'est dans ce sens que je vous offre et que j'offre à Dieu mes vœux pour vos vacances.

Que Dieu nous bénisse!

Votre EMILIO GUANO



NOTICIÁRIO

Congresso Mundial da F. M. J. F. C.

Em Roma, capital e centro da Cristandade, realizou-se de 16 a 19 de Abril de 1952, o Congresso da Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas.

De há anos para cá, a J. C. F. portuguesa marca sempre o seu lugar nestes encontros internacionais e, assim, lá tivemos em Roma, uma delegação composta por 10 dirigentes: da J. A. C. F., J. E. C. F., J. I. C. F. e J. O. C. F., acompanhadas pela Presidente Nacional da J. C. F. Infelizmente, da J. U. C. F. não pode ir ninguém.

O Congresso que era subordinado ao tema «Fé viva no tempo moderno» foi organizado pelo «Bureau» da F. M. J. F. C. e reuniu perto de 2.000 rapari-

gas vindas, pode dizer-se, das cinco partes do mundo, pois estavam presentes raparigas da Algeria, Alemanha, Austrália, Austria, Bélgica, Canadá, Chile, China, Espanha, Estados Unidos da América, França, Grécia, Guadalupe, Guatemala, Índia, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Martinica, Países-Baixos, Portugal, Senegal, Suíça, Uruguay e Viet-Nam. Os países «perseguidos» estavam representados por raparigas exiladas visto que dali não puderam vir...

Estas centenas de congressistas, falando linguas diferentes, de organizações e mentalidade tão diversas, de meios, cultura e educação tão variada, tinham todas um objectivo comum naquele Congresso: o estudo da Fé. O tema escolhido foi muito interessante, muito actual e da maior oportunidade. As três Conferências do Rev. Padre Carré, O. P. foram excelentes: *Fé Viva, meu problema — Fé Viva e as correntes do pensamento moderno — Fé Viva e o nosso Testemunho.*

Estas lições do Rev. Padre Carré eram depois discutidas e concretizadas nos «carrefours» que tinham sido organizados por linguas, no primeiro dia; por centros de interesse, no segundo; por métodos de trabalho, no terceiro. Assim, formaram-se «carrefours» de: J. A. C. F., J. E. C. F., J. I. C. F., e J. O. C. F., vida cívica, família, profissão, infância, adolescência, doentes, apostolado paroquial, Filhas de Maria, catequese, desportos, Missões, etc.

As portuguesas distribuíram-se mais ou menos por todos os «carrefours» e como nota interessante deve apontar-se a presença, no Congresso, de duas Filhas de Maria Imaculada de Lisboa que, embora não tivessem feito parte da nossa delegação, nem por isso deixaram de ter contacto connosco e de representar ali Portugal.

Dois «carrefours» foram dirigidos por portuguesas: o das Doentes pela Presidente Nacional, Júlia Guedes, e o da J. I. C. F. pela Vogal da Direcção Geral, Maria Ulrich.

Os «carrefours» foram, por vezes, muito difíceis pela falta de homogeneidade na assistência e pela diferença de linguas, o que obrigava as suas dirigentes a manterem a discussão num plano muito geral. No entanto, foram muito interessantes e constituíram para todas nós um enriquecimento incalculável e precioso. Ali foi possível o contacto internacional mais íntimo, ali se conseguiu o intercâmbio de ideias, de sugestões e de experiências que, de outro modo, seria difícil conseguir. Alguns «carrefours» chegaram mesmo a conclusões muito práticas e de realização imediata, como o dos Doentes, o da Vida Cívica e outros.

Todo este intenso trabalho era alimentado por uma vida espiritual, vivida em comum. Cada dia começava pela Santa Missa celebrada por todas as congressistas.

Incluído no programa do Congresso estava um Serão Folclórico que despertou o maior interesse e nos deu maior conhecimento dos diversos países.

Numa outra noite, tivemos a Via Sacra no Coliseu, pelas intenções dos países perseguidos. Lá esteve a delegada da J. E. C. F. portuguesa com a vela simbólica em se tinham gravado os resultados da Campanha da J. E. C. F. durante toda a Quaresma de 1952 em favor dos países perseguidos!

Mas o que em todos certamente ficou para sempre bem gravado, na memória e no coração, foi a audiência de Sua Santidade! Nesta audiência o Santo Padre falou às congressistas e, através delas a todas as raparigas católicas, sobre o conceito da Lei Moral. Numa profunda e extensa alocução que é impossível reproduzir aqui, depois de nos ter precavido contra os perigos das novas concepções ocorrentes, Sua Santidade deu-nos um programa que consiste em duas partes: 1.ª a fé da juventude deve ser feita de oração; a juventude deve aprender a rezar; sem oração não é possível ser fiel à fé; 2.ª a juventude deve ter o orgulho da sua fé e admitir que ela lhe

custe alguns sacrificios. É preciso que a juventude desde a sua mais tenra idade, se habitue a fazer sacrificios pela sua fé, a caminhar diante de Deus com uma consciência recta, a acceitar reverentemente o que Deus ordena. Só assim crescerá no amor de Deus». No final, Sua Santidade deu a cada uma das presentes, ás suas familias, ás suas Organizações espalhadas pelo mundo inteiro e a todas as suas filiadas, a Bênção Apostólica.

Dada a bênção, Sua Santidade recebeu as dirigentes do «Bureau» da F. M. J. F. C. e uma delegada de cada país. Uma por uma, todas foram ajoelhando diante do Santo Padre, beijaram-Lhe a mão, expuseram-Lhe as suas preocupações e intenções. A cada uma foi o Santo Padre ouvindo atentamente e respondendo na sua lingua. Por todas e por tudo se interessava. O longo desfile demorou. Da J. C. F. de Portugal foram duas as dirigentes a quem foi concedido falar com o Santo Padre: a Presidente Nacional, como membro do «bureau» e uma das delegadas officiaes que entregou ao Soberano Pontifice a oferta da J. C. F. portuguesa.

Antes e depois do Congresso, reuniu o Conselho e o «Bureau» da F. M. J. F. C.. Ao Conselho apenas podiam assistir as Delegadas officiaes das Organizações filiadas na F. M. J. F. C.. A J. C. F. de Portugal tem direito a 6 delegadas officiaes que foram assim escolhidas entre a Delegação: Júlia Guedes, (J. C. F.), Maria Wemans (J. C. F.), Maria Adriana Lima (J. A. C. F.), Francisca Sobral (J. L. C. F.), Maria Ulrich (J. L. C. F.), Maria Emilia Matos (J. O. C. F.). As reuniões do «Bureau» só os seus membros podiam assistir. Como se sabe, a J. C. F. portuguesa está li representada pela sua Presidente Nacional.

Neste Congresso, uma das maiores preocupações, tanto para o «Bureau» como para o Conselho, eram as eleições da Presidente da F. M. J. F. C. e do novo «Bureau». Para Presidente foi reeleita Melle. de Hemptinne que há já muitos anos vem exercendo este cargo. Para o «Bureau» que é composto por 15 membros representando outros tantos países, foi reeleita a Presidente Nacional.

Fundação Cuidar o Futuro



PAX ROMANA

XXII CONGRESSO MUNDIAL

De 26 de Agosto a 1 de Setembro realiza-se, como todas já sabemos, o XXII Congresso Mundial da Pax Romana, no Canadá, em Montreal e Quebec. O tema geral é: a «Missão da Universidade», e já na Folha da Jucista, de Fevereiro, vieram os titulos das Conferências e das Comissões.

De Portugal, infelizmente, não vai nenhuma delegação, mas temos todas o dever de colaborar no Congresso, rezando e vivendo a intenção da J.U.C.F. para essa semana.

A Direcção Geral da J. U. C. F. enviará um telegrama de felicitações no dia de abertura do Congresso

ENCONTRO DE MULHERES DIPLOMADAS E ESTUDANTES (M.I.I.C. E M.I.E.C.)

Em Hèverlé, perto de Louvain, na Bèlgica, realizou-se, de 27 de Julho a 3 de Agosto, um encontro de mulheres diplomadas e estudantes, no qual a J. U. C. F. portuguesa esteve representada pela futura Presidente Geral Maria de Lourdes Pintassilgo.

O plano de estudo foi orientado em ordem do Congresso Mundial da Pax Romana; o tema do encontro é «A universidade e a formação da personalidade da mulher, em relação com os problemas contemporâneos», com os seguintes pontos:

- 1) A influência das correntes filosóficas contemporâneas sobre a formação.
- 2) A «Kultur - politiek» segundo Edith Stein e das responsabilidades cívicas da mulher.
- 3) Psicologia e serviço social.
(Para as estudantes, está prevista uma discussão sobre os problemas sociais do estudante).
- 4) A mulher universitária e a vida internacional.
- 5) A mulher e a Igreja — O apostolado intelectual da mulher — A intelectual mãe de família.

Para orientar a preparação das participantes no Encontro, foi elaborado o plano detalhado do tema, em relação com o Congresso do Canadá; damo-lo a seguir, para nos ajudar também a nossa preparação para o programa de estudo da J. U. C. F., no próximo ano lectivo (ver «Na J.U.C.F., não há férias!).

I — Formação geral (o que os estudos superiores trazem ou deveriam trazer; os obstáculos que impedem a formação universitária de dar todos os seus frutos — ver programa do Canadá, 3.ª conferência e 1.ª comissão).

— A formação pré-universitária, escolar e familiar prepara as estudantes para aproveitarem plenamente os anos de universidade?

— Qual é a influência do «clima» actual sobre a formação geral da estudante (influência das correntes filosóficas, da situação internacional, do género de vida, distrações, etc.).

— A formação geral adquirida na Universidade é resultado dos estudos em si? Das actividades para — universitárias? Em que proporção?

— Qual é a influência da universidade sobre a vida cristã da estudante? Que se faz para a aprofundar?

— Que benefícios tira a mulher casada e mãe de família da sua formação universitária? (para a vida familiar, para a formação escolar dos filhos?).

— Que benefícios tiram das suas ocupações, do ponto de vista humano, as mulheres trabalhando em Universidades, as investigadoras?

Mesma questão para as outras profissões.

II — Formação do papel social.

(3.ª conferência e 5.ª comissão do Canadá).

— A Universidade prepara a estudante para o seu papel social? Na acção social, o serviço social propriamente dito? Na vida profissional e geral? Na vida cultural?

— A estudante tem ocasião, na Universidade, de se familiarizar com o ensino social da Igreja?

— As Universidades procuram adaptar os estudos às condições actuais do exercício das profissões e da vida em geral? Que fazem nesse sentido? Cursos novos? Seminários? Estágios?

Que se faz para a formação da universitária para as suas responsabilidades cívicas ?

Desenvolve-se o estudo da psicologia em vista do serviço social ?

— Os estudos são orientados para profissões estritamente determinadas, ou para uma certa polivalência ?

— Quais seriam as carreiras interessantes para a mulher, para as quais a Universidade não prepara e poderia preparar e poderia preparar mediante adaptação de programas ?

— Na Universidade, ou nas actividades para universitárias, organizam-se cursos destinados especialmente a formação feminina ?

— Quais são os problemas sociais da estudante ?

III — Formação para a participação da mulher na vida internacional (5.^a conferência do Canadá).

— A vida universitária acorda preocupações internacionais ?

— Qual é o papel da mulher universitária na vida internacional ?

IV — Participação da mulher universitária na vida da Igreja (6.^a conferência do Canadá).

— A vida universitária aprofunda, na mulher, o sentido das suas responsabilidades ao serviço da Igreja ?

— Quais são os domínios nos quais a mulher pode exercer hoje um apostolado intelectual (a família, a profissão, os movimentos de apostolado leigos, o laicado missionário, as ordens religiosas, etc.) ?

ENCONTRO EUROPEU DA J. O. C.

Organizado pelo Secretariado Internacional da J. O. C., realizou-se de 5 a 10 de Maio de 1952, na pequena cidade alemã de Kleve, a Primeira Conferência dos Países livres da Europa.

Tomaram parte neste encontro cerca de 80 delegados representando as Direcções Nacionais da J. O. C. / J. O. C. F. da França, Bélgica, Dinamarca, Suíça, Suécia, Alemanha, Inglaterra, Luxemburgo, Holanda, Irlanda, Itália, Austria, Malta, Espanha e Portugal.

Havia, ainda, cerca de 20 observadores de vários países e Organizações internacionais, entre elas a U.N.E.S.C.O.

Este encontro teve sobre as outras reuniões internacionais da J.O.C. a enorme vantagem de serem nele estudados no plano europeu os assuntos que, neste momento, se apresentam com maior interesse para a juventude trabalhadora.

Sobre os pontos principais focados:

— A J. O. C. perante o problema europeu,

— A situação da juventude trabalhadora na Europa,

— Actividades nacionais da J. O. C.,

— Os jovens trabalhadores europeus perante o problema da Fé,

— O jovem trabalhador na J.O.C.,

A situação das jovens trabalhadoras e a acção jocista na vida e no meio de trabalho,

— Estudo da acção representativa da J. O. C. no plano europeu e internacional,

— Como realizar, na hora presente, a missão da J. O. C. na Europa, Ca-

da pais pôs em comum os resultados de resoluções tomadas, projectos, dúvidas e experiências, numa grande simplicidade, confiança e espírito de colaboração

Logo na primeira reunião, a tese de Monsenhor Cardijn «A. J. O. C. perante o problema europeu» abriu largos horizontes e preparou o bom trabalho desse dia e dos seguintes.

Nas duas reuniões especiais para raparigas, estas agarraram com firmeza os problemas designadamente femininos que foram chamadas a tratar. A última destas reuniões presidiu a secretária geral da J. O. C. F. de Portugal.

Pela maneira como decorreram todos os trabalhos, pela cordialidade dos contactos pessoais estabelecidos, não só no decorrer das reuniões mas, e sobre tudo, nos tempos livres, pelo forte espírito de união por eles criado e ainda pelas resoluções tomadas pela delegação de cada país, podemos afirmar que este primeiro encontro da J. O. C. da Europa é sólida garantia de que nele foi dado um bom passo em frente para o levantamento da juventude trabalhadora do mundo.

ESQUEMAS DE REUNIÕES OU MEDITAÇÕES

I Semana (3-10 de Agosto)

1) Creação feita pelos bons resultados da Campanha de Férias.

2) Meditação sobre um passo do Evangelho (9.º Domingo depois de Pentecostes)

«Depois, Jesus entrou no templo, expulsando aqueles que lá vendiam ou compravam; e dizia-lhes: Está escrito: a minha casa é casa de oração, e fizestes dela caverna de ladrões!

E Jesus ensinava todos os dias no templo».

Os exames, os dias de trabalho exaustivo, de ansiedade e nervosismo são como que um pesadelo no nosso pensamento. Foram momentos um pouco duros, que muitas vezes nos deixavam entregues ao desânimo, tanto físico como moral. Quantas vezes as nossas belas intenções do principio do ano não eram mais que um ténue eco nas nossas almas!... Depois, em férias, recomeçamos... Estamos esgotadas. Depois... ou talvez amanhã... O tempo passava e cada dia trazia um pouco mais de desleixo... e quando, terminado tudo, regressámos calmamente, cansadamente a nós mesmas, o nosso «templo» já não era uma «casa de oração», a casa que o Senhor chamara Sua... Tantos

vendilhões se tinham fixado nela! Para que mencioná-los, se tu conheces cada um deles; se cada momento da tua vida, em que esqueceste aquilo a que te julgaste dar inteiramente no início, deixa como que uma sombra no teu coração?...

E, no entanto, «Jesus ensinava todos os dias no templo» e cada uma das suas palavras se perdia em nós e em cada um daqueles a quem a devíamos levar... É doloroso pensá-lo, porque não? É sempre doloroso, olhar para o que não se cumpriu; mas, agora, olha em frente. O campo ainda está aberto. Dois meses de férias são muito tempo. Vais recuperar forças, e vais recuperar muito do perdido.

«Jesus ensinava todos os dias no templo». Porque não fazes, de todas as tuas férias, um *ensinamento*? Já pensaste que a ensinar também se aprende?

3) Sugestões para o exame e preparações de actividades

Já estabeleci o meu programa de férias?

Já procurei pôr-me em contacto com os outros elementos da Acção Católica? — Se fiquei encarregada de dar início à carta rolante, já tratei disso? — Arranjei algum livro para ler, sobre a Universidade? (ver - Na J. U. C. F., não há férias!)

4) Propósito. Oração final

Fundação Cuidar o Futuro

II Semana (10-17 de Agosto)

1) Oração jucista pelo enriquecimento e santificação de todas as universitárias em férias.

Atenção: 5.^a feira, dia 14, é dia de jejum e abstinência, por ser a Vigília de Assunção de Nossa Senhora, que é *Dia Santo de Guarda*.

2) Meditação do Evangelho (10.^o Domingo depois de Pentecostes)

«Dois homens subiram ao templo a orar...»

Férias — uma vida de descanso, campo, praia, passeios, amigas. Os livros de estudo guardam-se na estante e olhá-los, assim de longe, dá-nos satisfação, quase direi um certo orgulho...

Agora, dois meses de descanso... É justo porque precisas e de certo mereces; mas deixo, um pouco ainda, os teus belos pro-

jectos. Olha para ti, bem para o fundo. Reparas que continuas a ser a mesma jucista que sonhava com um apostolado exuberante? Que buscava, em Deus, a força que queria comunicar aos outros?... «Dois homens subiram ao templo a orar...» A oração é essa comunicação com Deus. As tuas férias não são, não podem ser um descanso da tua vida em Deus. Têm que ser um reflexo d'Ele em ti. Podes entregar-te, de corpo e alma, a umas férias alegres. De resto, tu tens de saber ser sempre alegre, e fazer da tua vida uma oração...
 E orar é tão estranhamente consolador, quando a nossa alma se entreabe para a vida, e as férias são, tantas vezes, se não sempre, em nós, um renascer de vida! Experimenta fazer das tuas, um elevar-te para Deus...

3) Sugestões para o exame e preparação de actividades...

Tenho sabido aproveitar o tempo para intensificar a minha vida de piedade?

Se tenho possibilidade de Missa e Comunhão diárias, como tenho aproveitado tal possibilidade?

Já me pus em contacto com todas as jucistas, que passam o verão perto de mim?

4) Propósito. Oração final.

Fundação Cuidar o Futuro

III Semana (17 - 24 de Agosto)

1) Oração jucista pelas nossas famílias e amigos.

2) Meditação do Evangelho (11º Domingo depois de Pentecostes)

«Ele fez bem tudo: fez ouvir os surdo e falar os mudos...»

Abeirou-se de cada um dos que sofriam... Nós somos portadoras do seu segredo de amor, estejamos em aulas, estejamos em férias. E, unidas a Ele, podemos também fazer *bem tudo e a todos*. O nosso campo de acção em férias é diferente e muito diverso. Inúmeras almas passam a nosso lado; às vezes, talvez, apenas uns segundos, o tempo escasso para lhe darmos muito de nós... Um pobre que se acolhe, um desgosto que se suaviza, um perdão que se concede de coração nos lábios...

Tanto bem, e tantas pessoas a quem o fazer, durante as nossas férias! Pensa na tua alegria, se, ao terminares, puderem apontar-te dizendo: «Ela faz tudo bem». Vale bem a pena ser comparada a o

Mestre, mesmo que tenha de ser à custa de uma constante vigi-
lância, e mesmo renúncia...

- 3) Sugestões para o exame e preparação de actividades.
Tenho reservado algum tempo para escrever aos que
precisam de mim?
Tenho colaborado na campanha da pré-J. E. C. F.?
Tenho-me preparado para o nosso Congresso?
Demorei a carta rolante? Não dei às minhas compa-
nheiras de equipa tudo quanto lhes podia ter dado?
- 4) Propósito. Oração final.

IV Semana (24-31 de Agosto)

- 1) Oração jucista pelo XXII Congresso Mundial da Pax Ro-
mana (ver «Noticiário»).
- 2) Meditação do Evangelho (12.º Domingo depois de Pente-
coste)
«...É amareis ao vosso próximo, como a vós mesmo...»

Talvez te pareça enfadonha a insistência sobre estas pala-
vras. Sempre a caridade, sempre o amor... Mas são velhos temas
que nunca se chegam a aprender, por mais que se repitam.

Reflete nas palavras do Senhor—amarás os outros como a ti
mesmo.

Cristo conhece os homens e sabe o profundo egoísmo que
lhes reveste a alma.

Para poder amar, é preciso despir-se desse egoísmo; passar
além de nós, para sentirmos igual a nós, digno do mesmo amor
que votamos a nós mesmos, cada um dos que nos cercam. Cari-
dade e egoísmo são duas palavras que mutuamente se excluem.
Amor é sinónimo de vida, e egoísmo, de morte. As tuas férias são
um recuperar de vida ou um trágico entregar-te a uma cómoda
morte de ti mesma?

- 3) Sugestões para exame e preparação de actividades.
Como vou na minha vida espiritual? Avanco? Recuo?
Ou paragem?
Tenho sabido estar ao dispor de todos ou faço grupi-
nho à parte?
Como tenho cumprido o meu programa de férias?
- 4) Propósito. Oração final.

V Semana (31 de Agosto -7 de Setembro)

- 1) Oração jucista pela perseverança no apostolado de férias.
- 2) Meditação do Evangelho (13º Domingo depois de Pentecostes)

«Então um (dos leprosos), vendo-se curado, voltou para trás, glorificando Deus em voz alta; e, prostrando-se com o rosto no chão, aos pés de Jesus, deu-lhe graças!»

Eram dez os leprosos e apenas um voltou para glorificar Jesus, num anseio de gratidão... Já, algumas vezes, meditaste, bem a fundo, no que esta palavra significa? Gratidão para com Deus que iluminou a nossa vida, a nossa vida que devia ser em todo o seu sentido um constante glorificar da Sua Bondade... Gratidão para com os outros, os que amamos, os que não conhecemos bem, mas foram, um dia, bons para nós... uma colega que nos ajudou num momento de atrapalhão, uma irmã que soube ditar-nos palavras de coragem, um olhar compreensivo, um gesto de conforto e, talvez desajeitado de uma criada...

Já estás quase a um mês de férias... Tens vivido as tuas férias de corpo e alma, ou entregaste-te a um descanso egoísta?

Já te lembraste de agradecer a Deus o teu ano findo, todas as tuas horas de fracasso e triunfo?

A Gratidão. Pensa bem nela, faz-lhe eco na tua alma...

- 3) Sugestões para o exame e preparação de actividades: Com que espírito tenho colaborado na Campanha de Férias da A. C. P.? Tenho-me enriquecido, «saboreando» livros bons? Ou tenho, simplesmente, «devorado» romances banais? Tenho avançado alguma coisa na minha «cultura caseira»?
- 4) Propósito. Oração final.

VI Semana (7-14 de Setembro)

- 1) Oração jucista por todos os que sofrem graves tentações nas férias e em reparação de todos os pecados cometidos durante este tempo.
- 2) Meditação do Evangelho (14º Domingo depois de Pentecostes)

«Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou há-de odiar um e amar o outro, ou respeitar este e desprezar aquele...»

Ninguém pode servir a dois senhores... És jucista; mas és rapariga que enche, de projectos e planos de férias, a sua cabecita cansada de trabalho? Campo, praia, amigas. Tudo é bom, quando se estudou, mal ou bem, e se sente na alma a vivacidade da nossa juventude... Tudo é bom; mas lembra-te de que, estejas onde estiveres, vai contigo a tua missão; que a tua presença marcará, e que, sem to-dizerem, é de ti que esperam tudo: o teu exemplo, a tua palavra. Não buscarão em ti sermões, mas anotarão cada um dos teus gestos, para compreenderem a verdade do que afirmas. Não podes dizer que segues um caminho, meramente por palavras; tens que atestá-lo com cada momento da tua vida. Não achas sublime a tua responsabilidade?

3) Sugestões para o exame e preparação de actividades.

Como tenho colaborado nos passeios, festas, etc? Tenho sido uma Presença, um testemunho de Caridade? Tenho vivido as intenções da J. U. C. F. para cada semana de férias? Tenho reflectido sobre o programa da J. U. C. F. para o ano que vem? (ver «Na J. U. C. F., não há férias!» e «Noticiário»). Como vai a minha correspondência com todas as que se habituarem a «contar comigo»?

Fundação Cuidar o Futuro

VII Semana (14-21 de Setembro)

1) Oração jucista por todos os Assistentes Eclesiásticos da A. C., em especial pelos Assistentes da J. U. C. F.

Atenção: o dia 19 é de abstinência, sem jejum, por ser 6.^a feira das Têmperas

2) Meditação do Evangelho (16.^o Domingo depois de Pentecostes)

«Quando vos convidarem para assistirdes a bodas, não procureis o primeiro lugar...»

O primeiro lugar... Quantas vezes é, quase num gesto instintivo, que para ele nos dirigimos! O orgulho é dos sentimentos humanos que mais vem à tona. Reacções momentâneas que uns conseguem vencer, e que outros deixam enraizar...

Orgulho... humildade... Quantas vezes meditaste sobre cada uma destas palavras? Sabes que ser humilde não é ser tristemente resignada, mas é aceitar tudo, sem revolta e com aquela

nobreza de atitude que faz vencer as maiores oposições? É sentir em si que nada tem valor, que não seja impregnado de Deus...

Se as nossas férias estão a falhar, tenhamos a humildade suficiente para o reconhecer... mas vamos procurar remediar. Nada de resignações vencidas. Só se deixa vencer quem não tem consciência dos dons que Deus lhe deu... e é, também, uma prova de humildade tomar consciência deles.

3) Sugestões para o exame e preparação de actividades.

Como vai a minha preparação para o Congresso? Já pensei que eu posso apresentar uma comunicação? Se penso que não, não estarei a desprezar os meus dons?

Avancei alguma coisa no combate contra mim mesma?

Se tenho exames em Outubro, já modifiquei o meu programa em ordem à sua preparação?

Fiz o que podia para que a carta rolante desse, pelo menos, duas voltas?

4) Propósito — Oração final.

VIII Semana (21-28 de Setembro)

Fundação Cuidar o Futuro

1) Oração jucista pelos bons resultados do programa de estudos da Acção Católica Portuguesa para o próximo ano, sobre «A Verdade na vida».

2) Meditação do Evangelho (17.º Domingo depois de Pentecostes)

...e ninguém pôde responder-Lhe uma palavra, nem desde aquele dia em diante, ninguém mais pensou interrogá-Lo!... »

Os fariseus tinham-se aproximado de Cristo para O tentarem com as suas perguntas, mas O Mestre, que lia no íntimo dos seus corações, deixou-os perplexos. «Ninguém pôde responder-lhe». E, no entanto, Jesus apenas os fizera meditar sobre aquilo que transcendia a sua inteligência rude. A consciência da sua incapacidade de penetrar os mistério, deixou-os amedrontados. «Ninguém mais ousou interrogá-lo...» Pensa, um pouco, neste pequeno episódio da vida de Jesus. Há nele algo que nos consola. Quantas vezes, se aproximarão de ti para te tentarem e não o fazem, talvez, abertamente. Agora, com mais frequência, por certo, o teu campo de acção é mais vasto durante as férias, tomas con-

tacto com pessoas diversas. As questões levantam-se, sem se dar por tal, e ficam à escuta da tua reacção, esses que as provocaram. A semelhança do Mestre, tu podias ter a palavra oportuna, que, quem sabe, talvez fosse uma luz a abrir caminho. Quantas vezes o que se diz, hoje, frutificará, daqui a um ano! Estarás, tu, apta a enfrentar cada um dos problemas que te podem surgir?...

3) Sugestões para o exame e preparação de actividades.

— Com que *verdade* estou a estudar para os exames de Outubro?

Já adquiri o meu equilíbrio?

Como cumpri o meu programa de férias? (Pontos a modificar nele para as próximas férias).

4) Propósito. Oração final.

IX Semana (28 de Setembro - 5 de Outubro)

1) Oração jucista pela boa preparação de cada jucista para o nosso Congresso.

2) Meditação do Evangelho (18.º Domingo depois de Pentecostes)

«Vendo Jesus a fé de todos, disse ao paralítico: tem confiança, meu filho, os teus pecados ficam-te perdoados».

A fé de todos comoveu o Mestre e as suas palavras estão impregnadas de ternura: «Tem confiança, meu filho...». Esquecidos a distância e o tempo, parecem-nos ditas a nós estas palavras e bem necessitamos delas. Ter confiança, abandonar-nos nas mãos de Deus... As nossas férias, por nossa culpa, não foram, talvez, o que deviam ser. O ano de trabalho que se aproxima, será esgotante, talvez, mas o nosso esforço o nosso apostolado não podem antecipadamente perder-se. Olhemos em frente com confiança. Sabemos que quando tudo nos parece absurdó, podemos ir ter com o Pai. «Tem confiança, meu filho...». Que pode assustar-te, depois de ter escutado estas palavras, no mais profundo de ti mesma?

3) Sugestões para o exame e preparação de actividades.

Já pensei em estabelecer o meu programa de vida para o ano que começa?

A minha preparação para o Congresso tem continuado?

Já tenho algumas ideias formadas acerca do programa da

J. U. C. F. para o ano que vem?

4) Propósito. Oração final.

X Semana (5-12 de Outubro)

- 1) Oração jucista para que cada jucista, durante o ano que entra, tome consciência da sua missão de universitária católica.
- 2) Meditação do Evangelho (19º Domingo depois de Pentecostes)

«Pois muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos...»

Na vida de cada um de nós, há sempre um momento, em que somos chamados. Importa sabermos responder a esse chamamento, e na medida em que o fizermos seremos escolhidas. Aqueles que, ouvindo a voz de Deus, se apresentam indignamente, serão repelidos...

Muitos serão os chamados... Poucos dias faltam para o começo de um novo ano, de lutas e de triunfos, de horas deprimentes e de horas felizes. A voz do chamamento repetir-se-á, de novo, para cada uma. Precisamos de nos preparar para ele, para que, quando o Senhor chegar, nos encontremos dignos de O acompanhar.

- 3) Sugestões para o exame e preparação de actividades. Tomei firme o propósito de não deixar perder o equilíbrio que ganhei durante as férias? Reservar, no meu programa para este ano, «a melhor parte» para Deus, por meio do meu estudo? Não faz sentido, que, no ano do nosso Congresso sobre «O Pensamento Católico e a Universidade», nós, jucistas, não sejamos, sequer, universitárias ...
- 4) Propósito. Oração final.

Um pormenor material:— assim que encontrar a minha chefe de equipa, pagar-lhe-ei, imediatamente, esta folha. O preço de cada uma é insignificante, mas, multiplicado por 618, é muito ...

E a Direcção Geral ainda tem a pagar a diferença para o custo real da Folha.

BIBLIOGRAFIA

UNIVERSIDADE

Ver o Boletim n.º 2 do I Congresso Nacional da Juventude

Universitária Católica

PSICOLOGIA

PAUL CÉSARI — Psychologie de l'enfant — coleção «Que sais-je?»

DR. ARTHUS — Un monde inconnu, nos enfants.

E. CLAPAREDE — Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale.

A. LE GALL — Caractérológica des enfants e des éducateurs.

M. MONTESSORI — A criança.

PEDAGOGIA

GUI JACQUIN — Les grandes lignes de la psychologie de l'enfant.

ABBÉ GASTON COURTOIS — L'art d'élever les enfants d'aujourd'hui, Pour réussir auprès des enfants.

M. MONTESSORI — Pédagogie scientifique.

PIERRE DUFOYER — Initiation des enfants et des adolescents à la vie.

JEANNE CAPPE — Expériences dans l'art de raconter des histoires.

DA MULHER

Mrs. SPAL DING — «L'éducation supérieure des femmes»

GÉRTRUDE VON LE FORT — «La femme éternelle».

MADELEINE DANIELOU — «L'éducation selon l'esprit».

S. PADRE PIO XII — «Deveres sociais e políticos da mulher».

BIOGRAFIAS DE CONVERTIDOS

THOMAS MERTON — La nuit privée d'étoiles».

GIOVANNI ROSSI — «Traqués par Dieu» 62\$00.

Coleção «Couverts du XX, Siècle». — Estão publicadas, entre outras, as biografias de Jacques Raïssa Maritain, Francis Jammes, Thomas Merton, Douglas Hyde, Edith Stein, Alexis Carrell, Leon Bloy, Takashi Nagai, Jacques Rivière cada volume 3\$50.

RAISSA MARITAIN — «Les grandes amitiés».

VIDA ESPIRITUAL

ROMANO GUARDINI — «Prières» 16\$50.

«La prière du Seigneur»,
(sobre o Pai-Nosso), 30\$00

«Le Rosaire de Notre-Dame, 16\$50.

THOMAS MERTON — «Séances de contemplation», 43\$00

F. LELOTTE, S. J. — «Étoile du matin», 30\$00 — (Méditações ao ritmo do ano litúrgico).

ROMANCE, CONTO, NOVELA

- GERTRUDE VON LE FORT** — «La demoiselle de Barby », 40\$00
«Le jugement de la mer », 16\$50
«La dernière à l'échafaud », 24\$50.
- STEFAN ANDRÉS** — Utopia, 43\$00.
- KUHNELT** — **LEDDIHN** — «Les larmes de Dieu », 66\$00
- DANIEL DEZERIL** — «Rue Notre - Dame » 43\$00
- GILBERT CESBRON** — «Les saints vont en enfer» — (Estes dois últimos, sobre os padres-operários).
- GRAHAM GREENE** — «Voyage sans cartes » (sobre viagens) 65\$00
- GILBERT K. CHESTERTON** — « A incredulidade do Padre Brown » — «A sabedoria do Padre Brow » — (nos moldes de contos policiais).
- GIOVANNI GUARESCHI** — «Le petit monde de Don Camillo», 49\$50
- ETIENNE DE GREEFF** — «La nuit est ma lumière », 76\$00
- LOUIS CHAIGNE** — «Anthologie de la renaissance catholique»
I — Les poètes, 30\$00.
II — Les prosateurs, 30\$00.
III — Les prosateurs (2), 30\$00.
- ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY** — « Terre des hommes ».
- FRANÇOIS MAURIAC** — «Nô de Viboras».
- JACQUES DARNOUX** — «Les sept colonnes de l'héroïsme ».

POESIA

- GERTRUDE VON LE FORT** — «Hymnes à l'église».
- T. S. ELLIOT**
«Poemes », 43\$50.
« Quatre quatros », 47\$00.
- PIERRE EMMAUËL** — «Fabel».

VÁRIA

- THOMAS MERTON** — «Aux Sources du Silence », 67\$50.
(sobre a Ordem da Trapa).
- ALFRED NOYES** — «O último homem ».

201,00 24 187
161 102